

~ ENTREVISTA ~

“O meu pai está vivo e vai aparecer em breve”

Rodrigo Sebastião Filho de empresário português desaparecido em Moçambique há três anos

POR
Alexandra Barata
mundo@jn.pt

Rodrigo Sebastião assumiu a liderança da empresa de criação de gado do pai, em Moçambique. Américo Sebastião, raptado no dia 29 de julho de 2016, continua dado como desaparecido. Rodrigo diz que há “provas claras” de quem são os suspeitos, com os quais se cruza nas zonas que costuma frequentar. Anda, por isso, “prevenido” e diz ter cuidados redobrados. Vive na região da Beira, devastada pelo ciclone Idai, em março. E foi dos que estenderam a mão no auxílio às vítimas.

Amanhã faz três anos que o seu pai desapareceu. Quais as suas expectativas, neste momento?

O meu pai está vivo e vai aparecer em breve. Todos os dias, a minha mãe [Salomé Sebastião] faz novos avanços e novas diligências e sei que ela irá conseguir trazer o meu pai de volta.

Disse “vai aparecer em breve”. Em que é que se baseia para o afirmar?

Há coisas que não posso divulgar publicamente, mas garanto que o meu pai está vivo e que irá aparecer.

É frequente haver raptos em Moçambique, mas habitualmente com pedidos de resgate. O que aconteceu no caso do seu pai?

Em relação a outros casos, não tenho informação. Em relação ao caso do meu pai, não houve nenhum pedido de resgate, nem nenhum contacto com os raptadores.

O envolvimento das autoridades de Moçambique foi menor do que esperavam. Como interpreta essa atitude?



Rodrigo Sebastião, 25 anos, com os funcionários da empresa de gado. Perdeu animais no ciclone Idai

Não tenho conhecimento, nem sou um perito na matéria para fazer juízos de valor.

Mas tinham a expectativa que esta situação tivesse um desenlace mais rápido?

Existem provas claras: pessoas que usaram os telefones do meu pai e que levantaram dinheiro com os seus cartões nos ATM. São provas que têm de ser seguidas. Agora, não tenho conhecimentos técnicos nem meios para investigar isso. Há quem os tenha. Vamos esperar que façam esse trabalho.

Fizeram investigações por conta própria para tentar encontrar o seu pai?

Sem dúvida. Mas há coisas que não posso divulgar, para não prejudicar o processo.

Como é que se mantém a esperança, à medida que os anos vão passando?

Só quem conhece o tipo de

relação familiar que nós temos é que pode entender a nossa convicção. Acreditamos que ele está vivo e isso é o que mais interessa.

Dá-vos mais tranquilidade para lidar com o assunto? Tranquilidade não diria, mas coragem, sim.

Sente-se seguro em Moçambique?

Até agora, não tenho motivos para acreditar no contrário.

Mas, depois do que aconteceu ao seu pai, tem cuidados redobrados?

Sem dúvida. As pessoas que estão relacionadas com o rapto do meu pai costumam andar nas zonas que eu costumava frequentar.

Já identificaram os raptadores?

Não. Existem suspeitas, mas não estão confirmadas, pelo

que, até lá, são suspeitas. Continuo a ir aos sítios onde o meu pai ia. Todas as semanas viajo pela Nacional 1, que liga o norte ao sul do país.

Costuma andar armado?

Não posso revelar.

Ou anda acompanhado e evita ir a certos locais?

A única coisa que posso dizer é que tenho cuidados redobrados e ando prevenido.

Assumiu a liderança da empresa do seu pai. Como se adaptou a Moçambique e à gestão do negócio?

A empresa já existia e as pessoas já ocupavam as suas funções. Foi só continuar cada um com as suas tarefas. Ninguém é insubstituível. Se não fosse eu, alguém iria assumir o lugar. Quanto a Moçambique, não era a primeira vez que vinha. Já tinha experiência a acompanhar o meu pai. Ele fez um

excelente trabalho, ao preparar-me. Temos uma relação muito aberta e isso facilitou a adaptação.

Perdeu máquinas agrícolas e animais com a passagem do ciclone Idai, em março.

Alguns equipamentos agrícolas ficaram submersos e sem reparação. Mas o problema foram os animais. Numa fase inicial não tinham onde ficar, porque to-

“Continuo a ir aos sítios onde o meu pai ia. Todas as semanas viajo pela Nacional 1”

“Não sei se quero continuar em Moçambique. Vou viver um dia de cada vez”

das as propriedades estavam inundadas. Depois as cheias trouxeram muitas doenças.

Tinham seguro?

Não.

Esteve também envolvido no apoio às populações mais afetadas. O que o levou a fazê-lo?

Havia um grupo de voluntários anónimos, que veio de Maputo com contentores de ajuda humanitária e nós disponibilizámos alguns veículos da empresa para levar esses bens até Tica. Foi a nossa forma de ajudar as comunidades locais, com quem temos contacto diário. Tica foi uma das zonas mais afetadas. Dentro das nossas possibilidades, tentámos ajudar.

Na altura, previa que cinco ou seis meses depois é que se sentiriam mais os efeitos nefastos do ciclone, com seca e fome. Confirma-se?

Não. As zonas onde se produz mais comida, no interior, não foram tão afetadas pelas cheias. Houve ventos fortes e chuvas torrenciais, mas não foram afetadas pelas cheias como nós, aqui na zona da Beira. Acho que não está a ser tão grave como em 2016, em que houve uma seca extrema.

As pessoas das zonas mais afetadas já conseguem recompor as suas vidas?

As pessoas, de certa forma, encontram sempre alternativas para superar as adversidades. Estão a recompor-se à sua maneira, umas mais depressa do que outras.

É sua intenção continuar em Moçambique ou apenas enquanto o seu pai não volta?

Não sei se quero continuar em Moçambique. Vou viver um dia de cada vez. ●